

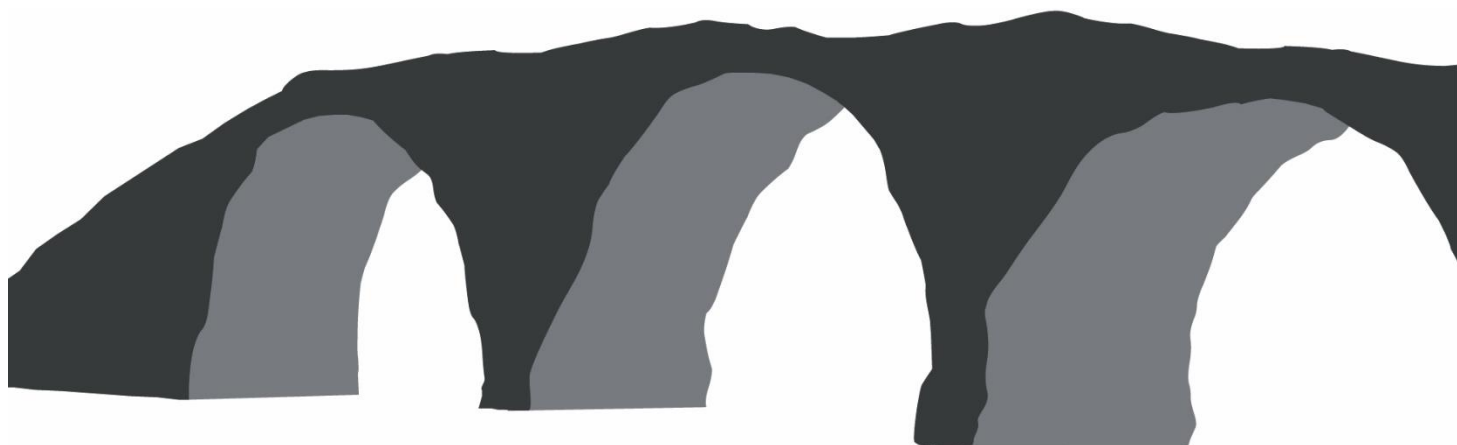
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 11 | Número 2 | Julho – Dezembro 2017
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

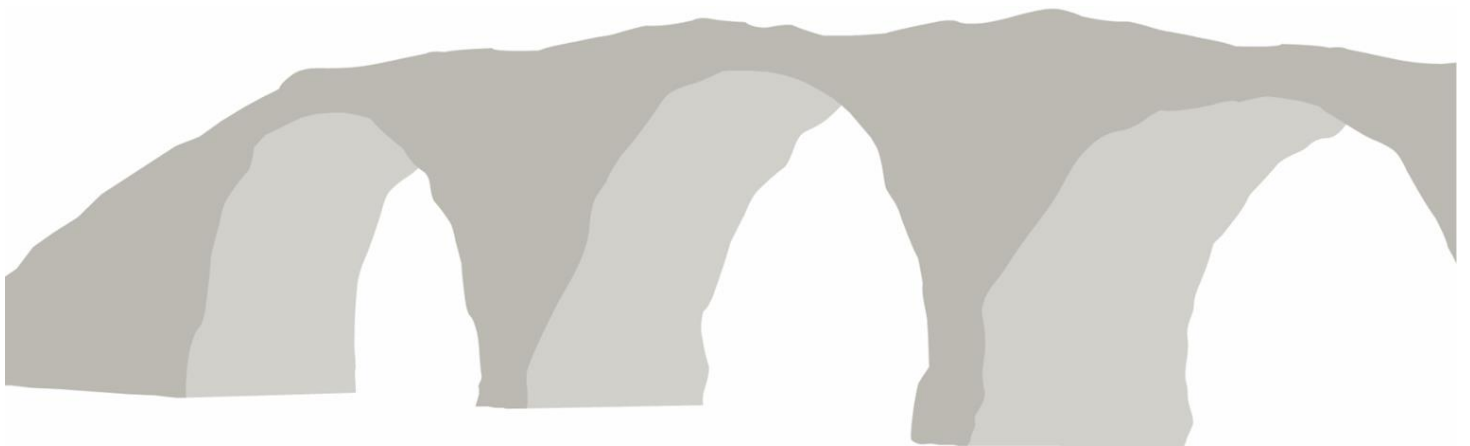
**IDENTIDADES MATERIALIZADAS NA AMAZÔNIA COLONIAL: A
CERÂMICA DOS SÉCULOS XVIII E XIX DO SÍTIO ALDEIA, SANTARÉM, PA**

**MATERIALIZED IDENTITIES IN COLONIAL AMAZONIA: CERAMICS OF
XVIIIth AND XIXth CENTURIES FROM ALDEIA SITE, SANTARÉM, PA**

Tiago Silva Alves Muniz

Denise Maria Cavalcante Gomes





Data de recebimento: 15/11/2016.

Data de aceite: 28/04/2017.

IDENTIDADES MATERIALIZADAS NA AMAZÔNIA COLONIAL: A CERÂMICA DOS SÉCULOS XVIII E XIX DO SÍTIO ALDEIA, SANTARÉM, PA

MATERIALIZED IDENTITIES IN COLONIAL AMAZONIA: CERAMICS OF XVIIIth AND XIXth CENTURIES FROM ALDEIA SITE, SANTARÉM, PA

Tiago Silva Alves Muniz¹

Denise Maria Cavalcante Gomes²

RESUMO

O objetivo desse artigo é apresentar um estudo sobre a ocupação colonial em Santarém, PA, evidenciando processos de etnogênese através da análise da cerâmica histórica dos séculos XVIII e XIX. A análise do material proveniente de escavações sistemáticas no Sítio Aldeia, Santarém, PA, demonstra uma cerâmica híbrida, produzida pela convergência de atributos indígenas, africanos e europeus. O artigo contém uma caracterização da cerâmica em seus aspectos tecnológicos, morfológicos, decorativos e funcionais, avaliados em consonância com uma discussão sobre etnicidade em Arqueologia. A ocupação histórica de Santarém sugere encontros culturais, negociações e estratégias de resistência no mundo colonial amazônico, sendo possível vislumbrar a constituição de novas identidades regionais.

Palavras-chave: Amazônia, Arqueologia Histórica, etnogênese, cerâmica.

RESUMEN

El propósito de este artículo es presentar un estudio de la ocupación colonial en Santarém, PA, evidenciando procesos de etno-génesis por medio del estudio de la cerámica histórica en los siglos XVIII y XIX. El análisis del material de excavaciones sistemáticas en el sitio Aldeia, Santarém, PA, demuestra una cerámica híbrida, producida por la convergencia de atributos indígenas, africanos y europeos. El artículo contiene una caracterización de la cerámica en sus aspectos tecnológicos, decorativos, morfológicas y funcionales, evaluados en consonancia con una discusión sobre etnicidad en Arqueología. La ocupación histórica de Santarém sugiere encuentros culturales, negociaciones y estrategias de resistencia en el mundo colonial en la Amazonía y la posibilidad de vislumbrar la formación de nuevas identidades regionales.

Palabras clave: Amazonía, Arqueología Histórica, etnogénesis, cerámica.

¹ Mestre em Arqueologia. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Quinta da Boa Vista s/n, 20.940-040, Rio de Janeiro, RJ, tiago_samuniz@yahoo.com.br

² Professora do Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Quinta da Boa Vista s/n, 20.940-040, Rio de Janeiro, RJ, denisecavalcante@yahoo.com

ABSTRACT

The purpose of this article is to present a study on the colonial occupation in Santarém, PA, evidencing processes of Ethnogenesis through the study of historical pottery in the eighteenth and nineteenth centuries. The analysis of the material from systematic excavations at Aldeia site, Santarém, PA, demonstrates a hybrid ceramics, produced by the convergence of Indigenous, African and European attributes. The article contains a characterization of ceramics in its technological, decorative, morphological and functional aspects, in line with a discussion on ethnicity in Archaeology. The historical occupation of Santarém suggests cultural meetings, negotiations and strategies of resistance in the colonial world in Amazonia and the possibility to glimpse the formation of new regional identities.

Keywords: Amazonia, Historical Archaeology, ethnogenesis, ceramics.

INTRODUÇÃO

A pesquisa que embasa esse artigo se valeu de informações provenientes das escavações sistemáticas no sítio Aldeia, em Santarém, PA, bem como de subsídios documentais, cujos dados apontaram a presença de ambientes mesclados, onde conviveram indígenas, europeus, mestiços e, em menor escala, africanos. Ao analisarmos a cerâmica histórica proveniente da vila de Santarém, PA, durante os séculos XVIII e XIX, diversos atributos foram considerados: tecnológicos, decorativos, morfológicos e funcionais. O caminho teórico aqui percorrido visa lidar com a diversidade cultural do contexto estudado, tendo como foco discussões no campo da arqueologia sobre etnicidade e etnogênese (aqui entendida como a emergência de novas identidades resultantes de encontros coloniais), que podem ser transpostas para o ambiente amazônico. De tal forma, os resultados da análise realizada indicam situações de resistência e persistência, materializadas na cerâmica, num ambiente de contatos culturais.

Os vestígios arqueológicos encontrados estão associados principalmente a lixeiras situadas nos quintais de antigas residências, que consistem em estruturas intencionalmente cavadas contendo materiais diversos, tais como cachimbos, vidros, moedas, faianças, louças, pederneiras, cerâmica pré-histórica e cerâmica histórica. Esse artigo visa lidar com dois conjuntos de cerâmica histórica feitos a partir de diferentes técnicas – acordelado e torneado. Tendo como ponto de partida o reconhecimento de uma cerâmica de natureza híbrida, a discussão sobre etnicidade se inicia com a retomada dos conceitos de cultura arqueológica e de “cerâmica neobrasileira”, dando lugar às reflexões sobre as correlações étnicas historicamente estabelecidas na arqueologia a partir da reavaliação de Jones (1997), abordando, por fim, o desenvolvimento de pesquisas contextuais na arqueologia histórica brasileira e a adoção de modelos teóricos que analisam criticamente processos de etnogênese resultando na construção de identidades regionais.

Este artigo visa contribuir com os estudos de arqueologia histórica tendo como objeto a cerâmica doméstica produzida em contexto colonial na Amazônia. Anteriormente, Symanski & Gomes (2012; 2015) se basearam no conceito de mestiçagem para interpretar a ocupação de Santarém durante os séculos XVIII e XIX por meio do estudo da distribuição diferenciada das faianças finas nas distintas áreas de escavação do sítio Aldeia. O presente artigo reafirma essa perspectiva, destacando a importância de se adotar modelos teóricos, tais como o de etnogênese, para a compreensão de situações históricas de intensos contatos culturais em ambientes violentos e com grandes assimetrias sociais, que se desenvolveram durante o período colonial (Hill, 2015 [1998]). A interpretação resultante sugere que as populações nativas, mestiças e africanas, a princípio vistas como dominadas, negociaram com os colonizadores seus modos de fazer cerâmica, ocorrendo o esmaecimento de certos atributos indígenas ao lado da manutenção de outros, bem como a incorporação de novas práticas, o que reflete o contexto de constituição de novas identidades num espaço de agregação de diferentes coletividades humanas e formação das vilas coloniais na Amazônia.

CONTEXTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO

A conquista europeia teve grande impacto sobre as sociedades indígenas amazônicas nos séculos XVI e XVII, levando a processos drásticos de redução demográfica causados por epidemias e formas de destruição cultural provocadas por práticas de substituição de contingentes étnicos, tais como os descimentos promovidos pelos missionários e a escravidão forçada (Roosevelt, 1991; 1992). O extrativismo como

atividade econômica tem início no século XVI, mas é só a partir da metade do século XVII que se dá a ocupação e exploração efetiva do território amazônico, dizimando, escravizando e criando aldeamentos com o intuito de catequisar as populações indígenas.

A sede das missões jesuítas na Amazônia foi estabelecida junto à aldeia dos Tapajós pelo Padre João Felipe Bettendorf (1625-1698) em 22 de junho de 1661. Bettendorf ordenou a construção da primeira capela de Nossa Senhora da Conceição. Posteriormente, devido à necessidade de afirmação do domínio político de Portugal, iniciou-se em 1693 a construção da fortaleza do Tapajós, concluída em 1697. A antiga aldeia dos Tapajós foi transferida por Bettendorf para as proximidades do morro onde foi instalada essa fortaleza, a fim de dar início ao primeiro núcleo populacional. A localidade recebeu o nome de Santarém apenas em 1758, quando foi elevada à categoria de vila (Fonseca, 2007).

No século XVIII foi introduzida na Amazônia a mão de obra escrava africana, configurando, segundo a historiografia oficial, uma chegada tardia de escravos africanos para uma região brasileira (Marques, 2004:165-169). Entretanto, conforme pontua Costa (2016), a inserção de mão de obra africana escravizada na Amazônia se dá de forma lenta e gradual ainda no final do século XVI e início do século XVII pela costa do Amapá e foz do Amazonas. Assim, o dito “retardamento” de uso de mão de obra africana na Amazônia até pelo menos a segunda metade do século XVIII, foi transformado pelo impacto das políticas pombalinas sobre a mão de obra indígena e inserção de produtos da região no comércio globalizado. Com a criação do Diretório dos Índios em 1757, que retirava o poder dos missionários, principalmente de administrar as aldeias, teve início uma fase que culminou com a expulsão dos jesuítas de Portugal e seus domínios, em 1759. Marques (2004:21) aponta que, até então, os trabalhadores eram essencialmente indígenas, o que seria justificado devido à dificuldade de chegada de escravos vindos da África até a Amazônia. Assim sendo, os indígenas eram incorporados nas atividades de engenhos, plantações e olarias, gerando conflito entre senhores de engenho e os missionários.

A atuação do Marquês de Pombal na Amazônia foi decisiva para a configuração social que se seguiu em Santarém. Com a proibição da escravidão indígena, ainda que na prática ela tenha se mantido de diferentes formas (Moreira Neto, 1988), se estabelece um incentivo à miscigenação. Como principal fator, destaca-se a criação de uma legislação que estimulava o casamento oficial entre brancos e índios, visando a integração dos indígenas à sociedade colonial. Entretanto, as fontes históricas apontam que os remanescentes da antiga aldeia indígena dos Tapajó foram mantidos espacialmente segregados dos colonizadores. O Padre João Daniel (1976), que viveu entre os Tapajó no período de 1741 a 1757, descreveu, na vila de Santarém, a existência de dois núcleos, formados por portugueses estabelecidos a leste e indígenas a oeste da vila, local que corresponde ao atual bairro de Aldeia.

No século XIX, a vila de Santarém recebeu um maior afluxo de portugueses, que se dedicaram ao comércio e mantiveram fazendas de gado e de cacau e seringais nas imediações. Entre os naturalistas e viajantes estrangeiros que retraram o cotidiano de Santarém, destacam-se von Spix e von Martius, Bates e Wallace, além de Champney. Spix e Martius ([1823] 1981: 98-99) descreveram as casas ocupadas pela elite branca da vila como construídas com paredes de pau-a-pique, barreadas e caiadas de branco, cujo teto era coberto com telhas côncavas ou com folhas de palmeira. Poucas eram as casas com fundamentos e alicerces de alvenaria ou tijolos. Os quartos eram numerosos e, conforme a necessidade, se dividiam em moradia de diversas famílias. Os quintais continham uma cobertura sobre a qual se cozinhava e abrigavam as habitações

para a criadagem, quase sempre índios, sendo mais raros os negros ou mulatos. O mobiliário das casas também acompanhava esta tendência de simplicidade, composto geralmente por cadeiras de palhinha ou couro. Redes de algodão branco, finamente tecidas, eram penduradas nas salas.

Henry Bates chegou em companhia do naturalista Alfred Wallace em 1848 e fixou residência em Santarém entre 1851 e 1854. A partir de uma perspectiva eurocêntrica, Bates ([1868] 1944) descreveu Santarém como o centro mais importante desde o Peru até o Atlântico. O autor aponta que o grupo mais numeroso que ocupava a vila de Santarém nessa época era o dos brancos, portugueses e brasileiros, constituído por negociantes, senhores de escravos, donos de fazendas de gado e de plantações de cacau e borracha, além de autoridades civis e militares. Champney (1860) retratou o cotidiano em suas representações de “Cenas de praia em Santarém” (Figura 1). De tal forma, as imagens apresentadas pelos viajantes assim como o relato de cronistas apontam para a convivência de indígenas, europeus, mestiços e africanos no mesmo espaço da vila de Santarém.

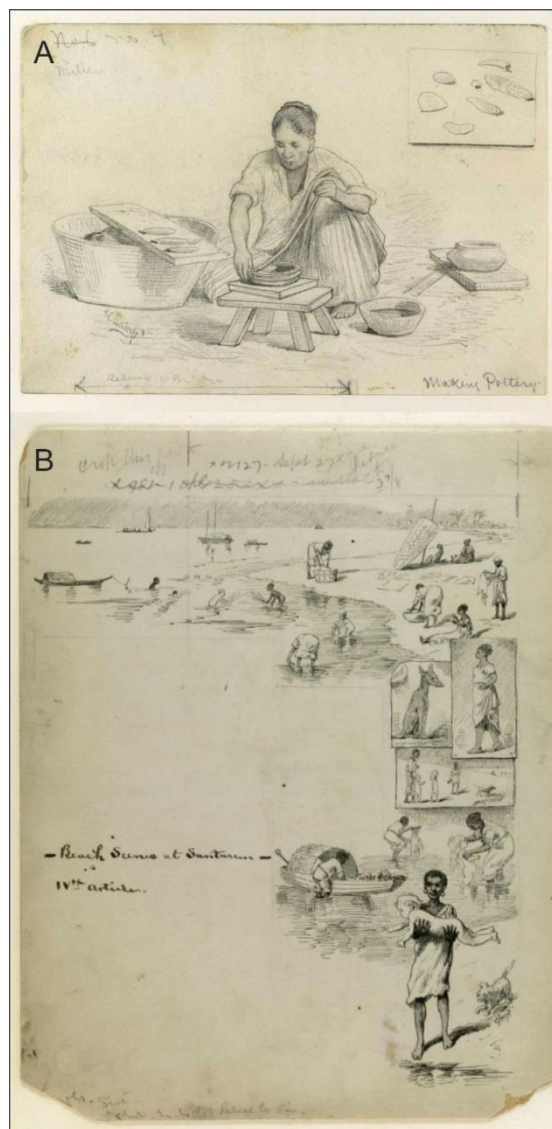


Figura 1: A: Ceramista utilizando técnica de acordelamento para produção de artefatos. Destaque para os utensílios e para as formas cerâmicas. B: Cenas de negros e crianças brancas na praia de Santarém. (Fonte: Champney, 1860).

Pesquisas arqueológicas foram realizadas sob a coordenação da pesquisadora Denise Gomes no sítio Aldeia, localizado em área urbana, em Santarém, PA, de 2006 a 2014, por meio do projeto “Cronologia e Contexto Cerimonial da Cultura Santarém”, inicialmente visando o componente pré-colonial. Essas pesquisas também revelaram uma ocupação histórica, restrita aos atuais bairros do Centro e Aldeia, no extenso sítio multicomponencial com cerca de 2,0 X 0,7 km de extensão (Figura 2). A partir de escavações realizadas em quintais de residências, estabelecimentos comerciais, jardins e terrenos baldios, também foram evidenciados elementos da cultura material referente ao processo de colonização e de consolidação do assentamento urbano, entre os séculos XVIII e XIX. Essas escavações mostram conjuntos tecnológicos diversificados, abrangendo desde objetos de produção artesanal local a artefatos importados.

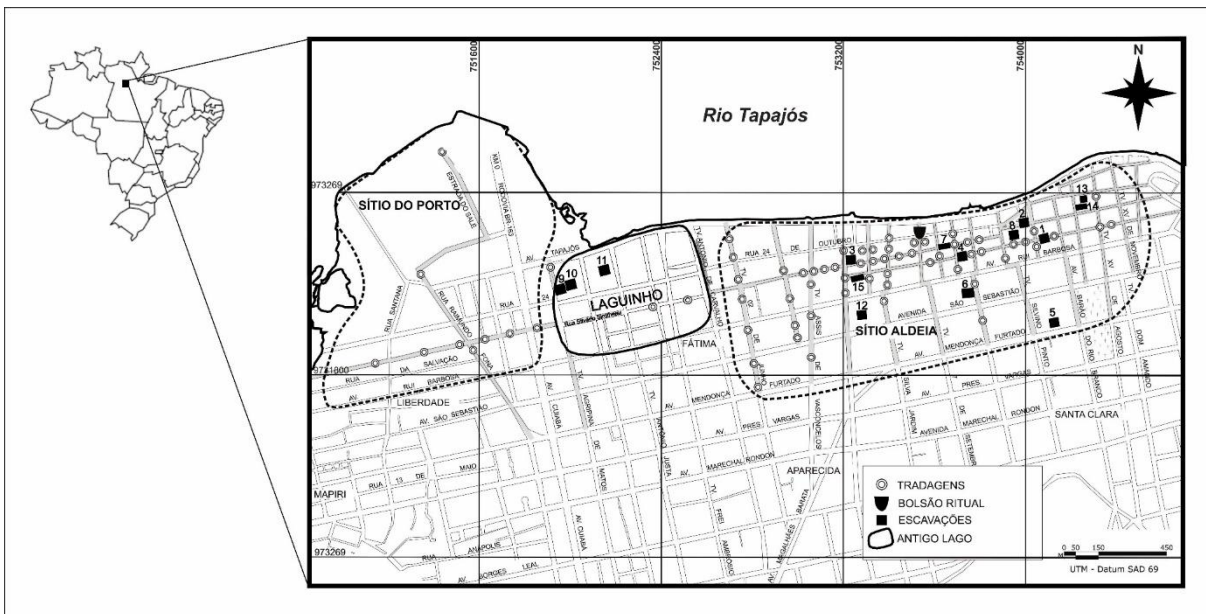


Figura 2: Mapa de delimitação do sítio Aldeia, Santarém, PA. (Fonte: Denise Gomes. Digitalização Angislaine Freitas Costa).

As escavações das 15 unidades no sítio Aldeia seguiram uma padronização de 2x2m e 2x1m, totalizando 50 m² escavados, o que permitiu, junto com outras intervenções anteriores (74 tradagens), delimitar o sítio em contexto urbano. Foram selecionadas para estudo somente as unidades 1, 2, 4, 8 e 14, que apresentam vestígios históricos. O material coletado está armazenado na reserva técnica de Arqueologia do Museu Nacional-UFRJ. Na maior parte dos casos, os artefatos estavam reunidos e dispostos em estruturas intencionalmente cavadas pelos antigos ocupantes para acomodar o lixo.

Nas unidades de análise, localizadas nos bairros do Centro e Aldeia, a estratigrafia é bastante complexa (Symanski & Gomes, 2012: 64-65). A matriz de terra preta antropogênica de textura arenosa que constitui o sítio pré-colonial é cortada por sucessivos e, por vezes, profundos bolsões históricos, o que dificulta uma leitura das camadas de deposição apenas por níveis artificiais de escavação. Se observa uma baixa densidade de artefatos pré-coloniais na matriz de terra preta, com o predomínio de artefatos históricos incluindo grande densidade de material construtivo, além de louças, cerâmicas, vidro, grés, moedas, pederneiras, ferro e restos faunísticos. A aplicação da fórmula South (1971) na classificação das louças recuperadas nas unidades de escavação, objetivando a datação média dos tipos decorativos, apontou uma ocupação das mesmas entre o

último quartel do século XVIII até o terceiro quartel do século XIX. Além disso, a aplicação da escala econômica Miller (1980), que se baseia em pesquisas de listas de preços de fabricantes ingleses entre o final do século XVIII e XIX, verificou que as louças do sítio Aldeia são de modo geral faianças de baixo valor econômico e decoração colorida, composta por faixas e frisos.

A CERÂMICA HÍBRIDA: CULTURA MATERIAL REVELANDO MISCIGENAÇÃO/MESTIÇAGEM

Após a triagem do material histórico, os 385 fragmentos cerâmicos que compõem a amostra estudada foram separados em dois conjuntos: cerâmica acordelada (249 fragmentos) e cerâmica torneada (136 fragmentos). Em seguida, a cerâmica histórica foi classificada de acordo com uma ficha de atributos elaborada a partir dos manuais de cerâmica, gerando dois diferentes bancos de dados para a análise desse material. A ficha de atributos elaborada possui 18 atributos principais e 80 atributos secundários relacionados à tecnologia, decoração e morfologia. Os critérios, procedimentos e a terminologia utilizados na classificação dos atributos cerâmicos baseiam-se em: Chymz (1976); Gomes (2008); Meggers & Evans (1970); Rice (1987); Rye (1981); Shepard (1956); e Sinopoli (1999).

A análise realizada não privilegia o fragmento, mas, sim, a noção de artefato e por isso foram realizadas reconstituições gráficas de formas, o que permite propor funções hipotéticas para as vasilhas e desse modo pensar as atividades associadas ao seu uso nas diferentes áreas do sítio Aldeia, representadas pelas unidades de escavação. A partir de desenhos de perfis de bordas e bases foi possível reconstituir as formas e sugerir os possíveis usos da cerâmica (cocção, serviço, consumo de alimentos, transferência e armazenamento de sólidos ou líquidos). As formas cerâmicas identificadas foram classificadas em 18 classes de artefatos, sendo esses agrupados de acordo com as respectivas técnicas de manufatura: 11 formas construídas por acordelamento (A) e 7 com o uso do torno (T). O consumo reflete aspectos sociais e práticas domésticas relacionados a essas formas, as relações de trabalho envolvendo indígenas, mestiços e negros em situações de subordinação, as inovações tecnológicas, as trocas culturais que se expressam nos artefatos e os caminhos percorridos pelas pessoas.

Conjunto 1: cerâmica acordelada

O conjunto 1 é composto por peças manufaturadas por acordelamento, reunidas em diferentes classes. Integram esse conjunto apêndices de artefatos que foram manufaturados por meio de modelagem – alças e asas. Conforme se verá a seguir, essa cerâmica apresenta alguns padrões decorativos que informam sobre os diferentes grupos que habitaram Santarém durante os séculos XVII e XIX (Figura 3).

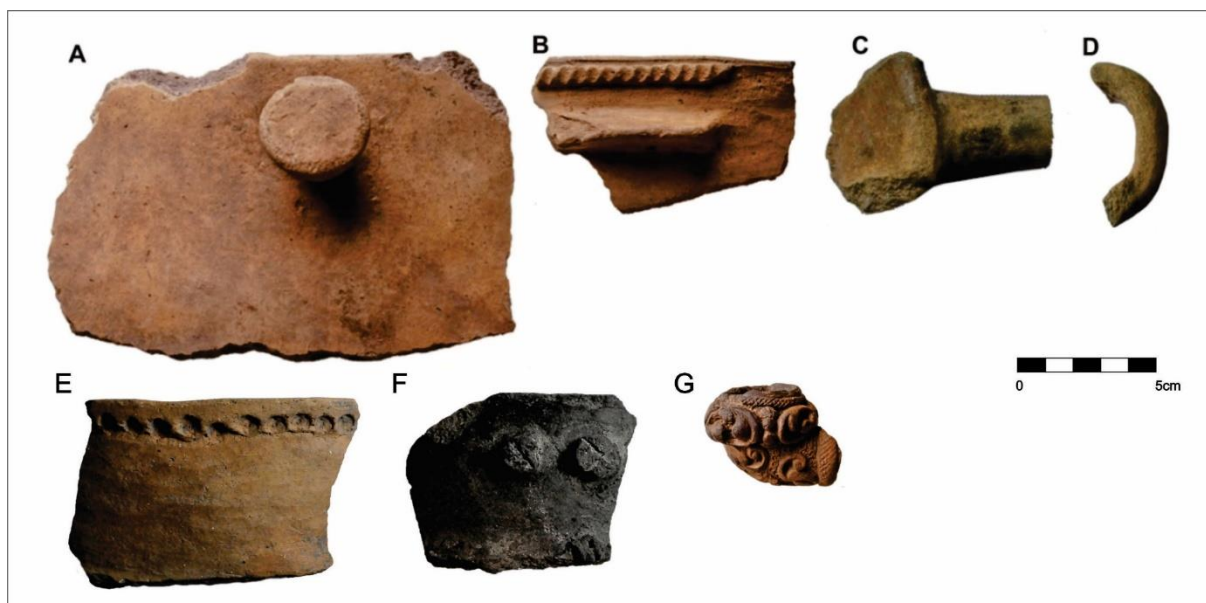


Figura 3: Borda com asa circular (A); borda com asa e filete aplicado (B); alças (C, D); contramolde de contas em filete aplicado (E); borda com decoração plástica contendo representação do cosmograma Bakongo (F); cachimbo (G).

(Fonte: Fotos Denise Gomes e Tiago Muniz).

Este conjunto apresenta pastas acinzentadas e alaranjadas. O antiplástico mais frequente é o caraipé (cinzas de cascas de árvore silicosas), ainda que a presença de cauxí (espículas de esponjas de água doce) e mineral tenha sido registrada em todas as unidades (Figura 4). A interpretação de tais dados leva em consideração os contextos sociais e temporais de cada unidade. Na análise de antiplásticos verificados nas unidades 1, 8 e 14, situadas nas imediações da Igreja Nossa Senhora da Conceição e da Praça Rodrigues dos Santos, que consiste num dos locais associados à ocupação da elite da época, foi verificado o uso do cauxí em menor frequência, ou ainda sendo paulatinamente substituído pela praticidade de outros antiplásticos, tais como o caraipé, o que poderia, a princípio, sugerir escolhas tecnológicas diferenciadas temporalmente. De modo geral, constatou-se que há uma preferência pelo uso de caraipé nessas unidades, enquanto que nas unidades 2 e 4 o uso de cauxí está presente em maior porcentagem nas peças.

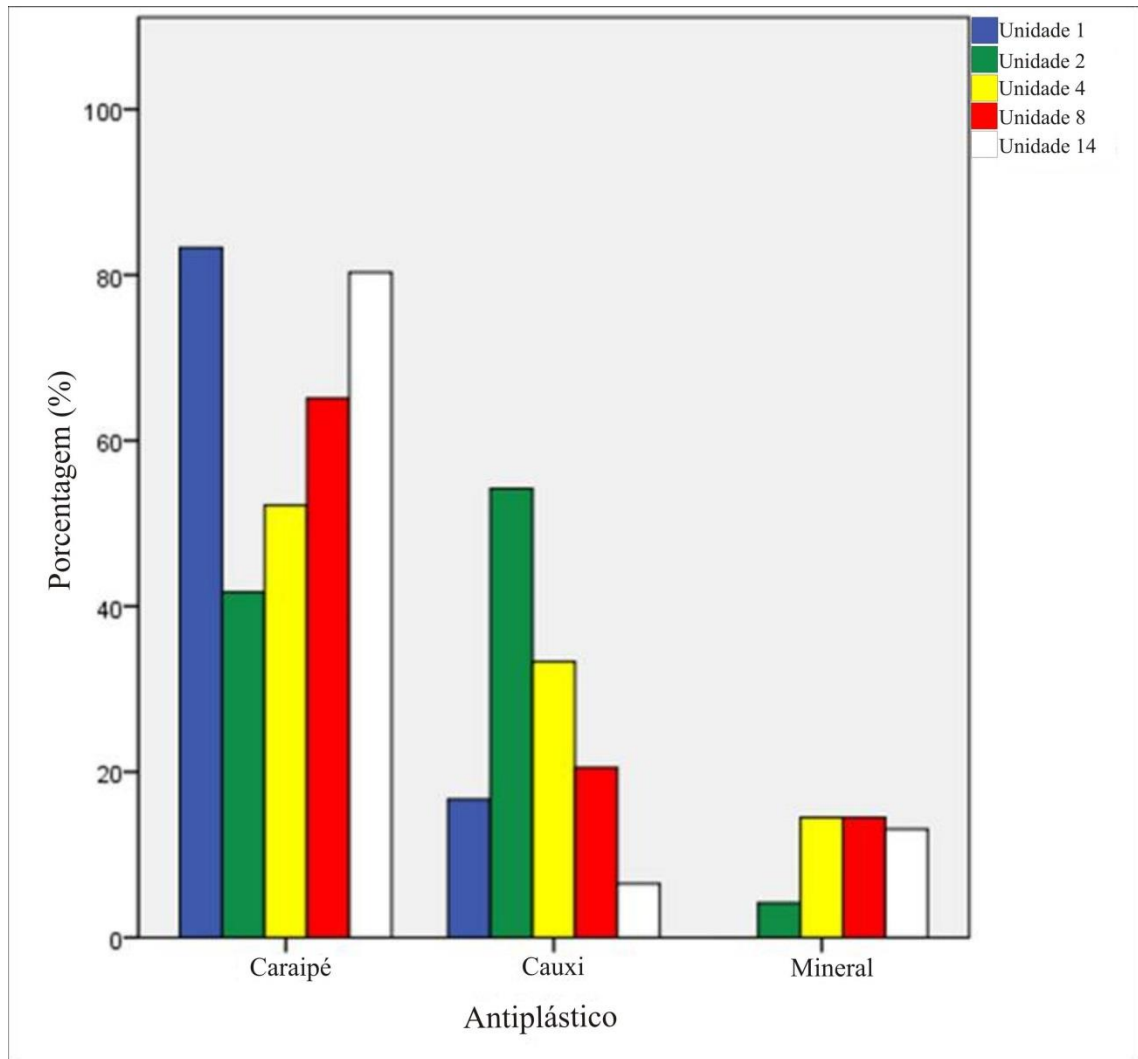


Figura 4: Gráfico de frequência de distribuição do antiplástico da cerâmica acordelada por unidade.

Os tratamentos de superfície que ocorrem são o alisado, polido, brunido ou com resina, sendo o alisado majoritário. A queima dos vasilhames foi classificada em redutora ou oxidada, ocorrendo grande variação. As marcas de alteração de uso reconhecidas nos artefatos dizem respeito às atividades principalmente relacionadas à cocção, observadas na cerâmica através de fuligem externa localizada próxima à borda, na base da vasilha, ou fuligem interna observada no fundo da vasilha. Ademais, marcas relacionadas à abrasão e corrosão não foram evidenciadas.

A pintura, quando presente, é na cor vermelha (Figura 5). A pintura interna (engobo) pode estar correlacionada ao uso da cerâmica para cocção, pois aumenta a impermeabilidade dos vasilhames, tanto a interna quanto a externa associadas à herança indígena pré-colonial (Quinn 2004; Gomes 2017). Por outro lado, a pintura vermelha externa também pode ser associada às formas e decorações europeias, comumente representada nas peças de cerâmicas históricas. Desse modo, apresenta-se aqui um atributo cerâmico indexado ao contato e à troca cultural, demonstrando como diferentes grupos estão negociando o espaço colonial. Na unidade 2 a pintura vermelha interna foi identificada, assim como o uso mais expressivo do cauixí, o que também se observa na unidade 4. Isso indica a existência do componente indígena, que se

expressa por meio do atributo antiplástico e das decorações cerâmicas, enquanto nas unidades 8 e 14 os mesmos parecem esmaecer.

A decoração plástica é o tipo de decoração mais frequente na amostra. Pode-se afirmar que o filete aplicado e digitado colocado na parte externa da borda do artefato é uma das características recorrentes neste material de origem colonial, por vezes associado à pintura vermelha, com presença expressiva nas unidades 1, 2 e 4 (Figura 5). Entretanto, as formas de execução do mesmo apresentam variações, podendo ter sido o digitado executado manualmente ou com o auxílio de um instrumento. De modo geral, ocorre em todas as unidades associadas ao conjunto 1 a predominância do filete aplicado digitado.

Esse é um tipo de decoração associada à cerâmica dos séculos XVIII e XIX de diferentes partes do Brasil, o que sugere uma origem europeia. Ainda que essa questão não tenha sido objeto de uma discussão mais aprofundada pela arqueologia histórica, Dias Jr. (1988:7-8), ao definir a cerâmica neobrasileira e sua ampla distribuição territorial, já apontava a existência do filete aplicado e digitado, com suas variações, como um elemento diagnóstico. Há exemplos documentados tais como na cerâmica dos sítios Jacaré I, Jacaré II e Taubaté I, no Vale do Paraíba, em São Paulo, por Santos (2003). Zanettini (2005) também apresenta essa decoração composta pelo filete aplicado ao descrever a cerâmica local/regional do século XVIII em São Paulo. No norte do país, Martins (2015) evidencia igualmente essa decoração ao estudar a cerâmica do engenho Murutucu, em Belém, PA.

Contudo, na cerâmica do sítio Aldeia existem algumas poucas variações dessa decoração, ocorrendo peças com filete aplicado e digito-unguladas ou unguladas. Outros modos de decoração menos frequentes também foram registrados, tais como incisões (Figura 5). Na unidade 8 foi encontrado um fragmento com decoração plástica, que consiste em apliques circulares contendo uma cruz incisa, o que segundo estudiosos tem sido identificada como uma representação do cosmograma Bakongo (Souza & Symanski, 2009:539) (Figura 3: F).

Tal representação pode ser corroborada quando confrontada com os dados existentes sobre a diáspora africana no Brasil durante o século XIX. Quanto à chegada de africanos escravizados na Amazônia, estima-se que além da rota interna desde a Bahia (Costa, 2016:78) tenha se intensificado o tráfico a partir do Congo (África Central) conforme apontam as fontes documentais (The Trans-Atlantic Slave Trade Database, 2013). Symanski (2010:305) ressalta que na África Central esse signo não é exclusivo dos Bakongo, ocorrendo entre outros grupos tais como os Chokwe, Luená e os Ovimbundu.

Na unidade 14 uma variação do filete aplicado se dá através de impressão de contas esféricas sobre o filete. (Figura 3: E, F). Cabe destacar que tais variações na forma de aplicação do filete na unidade 14 revelam informações sobre as ceramistas, trata-se de uma apropriação de um elemento de tradição colonial sendo objeto da agência de escravos (Souza, 2015: *comunicação oral*; Souza & Symanski, 2009: 540). É importante ressaltar a presença de negros na Amazônia e especialmente em Santarém, ainda que minoritariamente, para entender estas peças. Tais artefatos são oriundos das unidades 8 e 14, que, conforme informado, estão localizadas nas proximidades da igreja de Nossa Senhora da Conceição e da Praça Rodrigues dos Santos, locais onde se concentravam as residências mais abastadas da vila e, portanto, mais propícias para a presença de escravos (Fonseca, 2007).

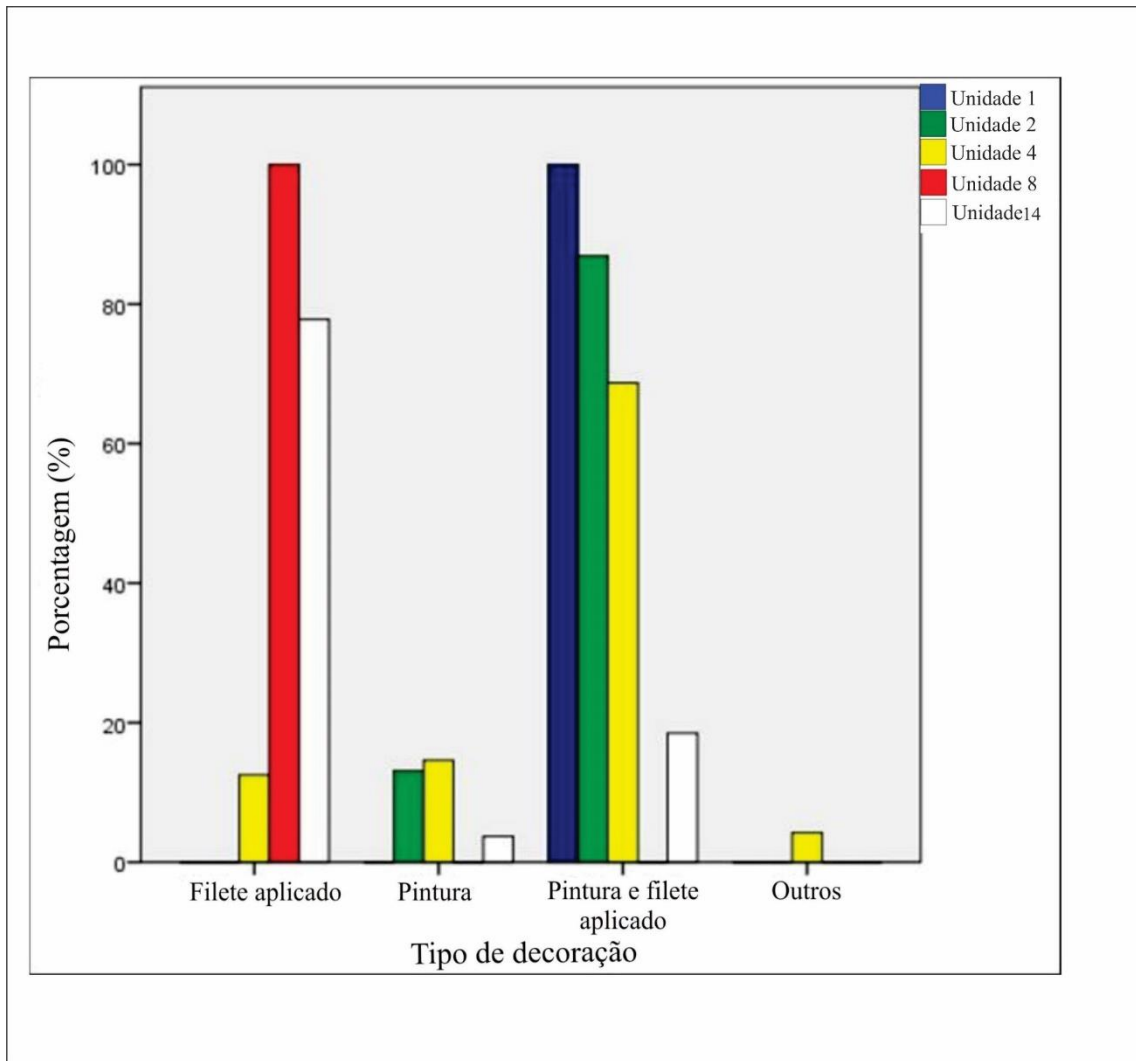


Figura 5: Gráfico de frequência dos tipos de decorações da cerâmica acordelada por unidade.

As formas identificadas foram sistematizadas (Figura 6), e, a partir da análise do conjunto de atributos morfológicos e tecnológicos, foram atribuídas funções hipotéticas, levando em consideração a morfologia, as marcas de alteração de uso, o diâmetro e cálculo volumétrico. A análise formal pôde ser ampliada a partir de cálculo volumétrico realizado com o uso do *software* 3D, Rhinoceros, etapa posterior à identificação das formas.

Em relação aos tipos de borda, o tipo comum a todas unidades é a borda extrovertida. Os lábios mais frequentes são os arredondados ou planos. Todas as bases identificadas são planas. Para o conjunto de cerâmicas acordeladas, a espessura dos fragmentos apresentou dimensões entre 0,6 a 1,0 cm, o que consiste no intervalo majoritário para todas as unidades analisadas. Já a unidade 14 é a única que apresenta frequências mais significativas de peças mais finas: entre 0,1 a 0,5 cm. A partir da reconstituição gráfica das formas e análise geral dos atributos, funções hipotéticas foram propostas.

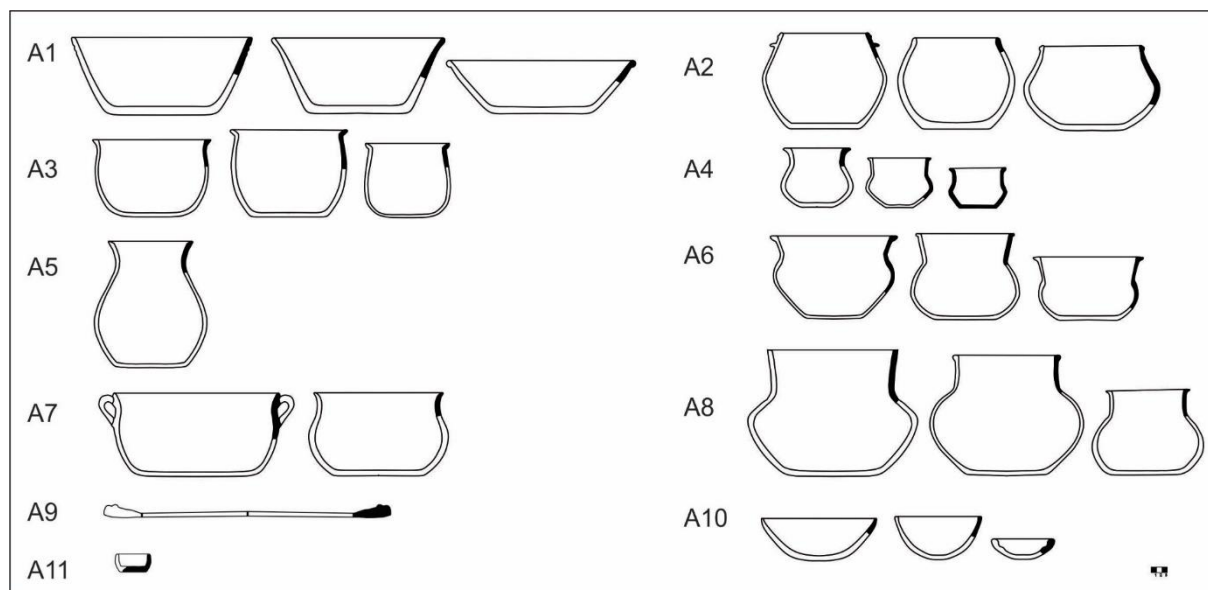


Figura 6: Tabela de formas acordeladas (Fonte: desenhos e digitalização Tiago Muniz).

As principais atividades associadas a esses artefatos indicam cocção, transferência de líquidos, armazenamento/transporte e processamento. As funções propostas foram correlacionadas às capacidades volumétricas das formas. De modo geral, o intervalo de capacidade 2,1-5,0 l é predominante na maior parte das formas identificadas. Destacam-se as formas A1 (alguidares) e A8 (vasilha para armazenamento/transporte), que apresentaram maior variabilidade de capacidades volumétricas, sendo, assim, associadas a diferentes usos a partir de uma mesma forma. As vasilhas com capacidades volumétricas muito reduzidas (0,1-1,0 l) sugerem uso relacionado ao consumo individual de alimentos, a exemplo das cuias (A 10). Tais peças, no cotidiano, são utilizadas com maior frequência, assim como aquelas de baixa capacidade (1,1-5,0 l) ou capacidade média (5,1-10,0 l) destinadas à cocção ou transferência de líquidos. A ocorrência mais frequente de amostras com essas capacidades volumétricas poderia ser interpretada como uma tendência para a incorporação de tais peças ao registro arqueológico, pois, quanto mais utilizadas e mais repostas no cotidiano, maior a porcentagem nas amostras analisadas. De modo diverso, existem peças de maior capacidade volumétrica (10,1-30,0 l) que estariam relacionadas ao armazenamento de líquidos ou sólidos, consistindo em peças de menor manipulação, conseqüentemente, com menor fragmentação e menor frequência nas amostras.

A forma A1 (alguidar) possui três variações de capacidade volumétricas: 1,1-2,0 l associado ao serviço; 2,1-5,0 l ao preparo de alimentos/serviço; e 5,1-10,0 l ao consumo coletivo de alimentos bem como a diversas outras atividades, tais como lavar louças e roupas, conforme documentado em outros contextos históricos (Souza & Symanski 2009, 531; Figura 1A). Quanto à forma A2, esta é destinada à cocção, com artefatos de baixa ou média capacidades (2,1-5,0 l). A forma A3 também está associada à cocção, possuindo ainda artefatos de baixa e média capacidades (1,1-2,0 l ou 2,1-5,0 l). Já a forma A4, essa se destina igualmente à cocção com artefatos de pequenas capacidades (0,1-0,5 l ou 0,6-1,0 l). A transferência de líquidos pode ser associada à forma A5 com artefatos de média capacidade (2,1-5,0 l). Outras formas com usos correlacionados à cocção são as formas A6 de média capacidade (2,1-5,0 l) e a forma A7 de baixa e

média capacidades (1,1-2,0 l ou 2,1-5,0 l), podendo essa última também ser destinada ao processamento de alimentos, sem envolver seu uso direto ao fogo, uma vez que não foram identificados vestígios de fuligem.

Outros tipos de uso, dependendo da capacidade volumétrica, podem ser sugeridos para a forma A8, tais como transporte de água relativo aos artefatos de média capacidades ou armazenamento associado às vasilhas de alta capacidade (5,1-10,0 l ou 10,1-30,0 l). A forma A9, assador, é destinada ao processamento específico de alimentos, para tostar ou fazer beiju. Pequenas cuias e tigelas estão associadas à forma A10, cujo uso proposto refere-se ao consumo individual de alimentos, consistindo em artefatos de baixa capacidade (0,1-0,5 l ou 0,6-1,0 l), conforme anteriormente mencionado. Por fim, a forma A11 pode ser correlacionada ao processamento de grãos e sementes, sendo essa também de reduzida capacidade (0,1-0,5 l).

No que concerne aos atributos morfológicos, embora se observe certa variabilidade nas inclinações de bordas com ênfase nas bordas extrovertidas, os lábios arredondados e planos apresentam frequências semelhantes e constantes em todas as unidades. Destaca-se aqui o lábio plano como um atributo visível nas indústrias cerâmicas indígenas pré-coloniais da região de Santarém (Gomes, 2008). No que diz respeito às formas acordeladas, os alguidares (A1), que consistem em artefatos multifuncionais, estão presentes em todas as unidades, os artefatos de cocção (A2, A3, A4, A6 e A7) também ocorrem de maneira generalizada e apenas nas unidades 8 e 14 vasilhas aparecem mais especializadas, destinadas ao armazenamento/transporte de líquidos (A8). Destacam-se ainda na unidade 14, os assadores (A9), relacionados a práticas culturais e alimentares associadas a origens indígenas. Além disso, ocorre um cadinho (A11), artefato destinado ao processamento de sementes e temperos.

Todas as unidades analisadas possuem artefatos que sinalizam a presença do colonizador português como os alguidares e as panelas com asas ou alças, decoradas com filete aplicado e digitado. Já entre as vasilhas para cocção os resultados parecem apontar influências culturais indígenas, conforme indicam os atributos morfológicos, a exemplo das bordas extrovertidas, dos lábios planos e do aparecimento de formas com contornos compostos.

As unidades 2 e 4 apresentam marcadamente atributos tecnológicos (uso do cauixi) e decorativos (pintura vermelha) de influência indígena. Embora as unidades 1, 8 e 14 apresentem elementos indicadores de mudanças culturais em relação ao componente indígena, a exemplo da preponderância do caraipé como antiplástico, a continuidade também é observada com a permanência do uso do cauixi nos assadores. É importante destacar que diversos estudos indicam a predominância da mistura de cauixi e caco moído, como o antiplástico presente na cerâmica pré-colonial de Santarém, enquanto o uso do caraipé é secundário (Guapindaia, 1993; Gomes, 2002; 2017; Schaan, 2016).

Outros atributos que indicam continuidade cultural, ao lado das cuias, são as formas com lábio plano e contorno composto. Além disso, são essas mesmas unidades que possuem artefatos documentando a presença de escravos africanos, conforme atestam as vasilhas com o cosmograma Bakongo e a decoração de contra-molde de contas sobre o filete aplicado. Em síntese, enquanto todas as unidades registram a influência de atributos morfológicos e decorativos de origem indígena e europeia, as mais periféricas (2 e 4) estão correlacionadas a artefatos com uma influência indígena mais marcante, enquanto as unidades associadas às residências de maior poder aquisitivo (8 e 14) revelam, além da manutenção de atributos culturais de origem indígena, a presença de escravos negros.

Conjunto 2: cerâmica torneada

O conjunto 2 é composto por 136 peças de manufatura torneada. O uso do torno, trazido pelos europeus, é uma inovação de considerável impacto na organização e produção cerâmica devido ao aumento da produtividade (Rice, 1987). A amostra contém fragmentos de parede, borda, gargalos, apêndices, tampas, e bases, sendo alguns deles decorados por impressão, pintura vermelha, além de alguns exemplares que mimetizam o modo de decoração típica do conjunto 1 – o filete aplicado e digitado (Figura 7).



Figura 7: Fragmentos de cerâmica torneada - Decoração impressa na borda (A); Decoração impressa na parte externa da base (B); Bordas com filete aplicado e digitado. (C, D); Alça (E) e Gargalo (F). (Fonte: Fotos Denise Gomes e Tiago Muniz).

As cores das pastas observadas nesse conjunto são em sua maioria de tonalidade alaranjada. O antiplástico presente na pasta é somente o mineral. A queima é oxidada em todos os casos. Todas as peças observadas apresentam tratamento de superfície alisado. Nenhuma marca de uso foi observada. Diferente do conjunto 1, onde ocorrem asas, no conjunto 2 ocorrem alças, relacionadas em sua maior parte com as unidades 2, 8 e 14. A pintura, ao contrário do conjunto 1, quando presente, está associada à face externa, consistindo num atributo relativo à decoração e não à funcionalidade. A decoração plástica do conjunto 2 também é constituída pelo filete aplicado e digitado, ocorrendo ainda a decoração impressa com motivos abstratos.

O tipo de borda mais comum às unidades 2, 4, 8 e 14 é a borda direta, que está correlacionada a peças mais espessas. Em todas as unidades os lábios arredondados e planos são recorrentes. As bases identificadas são planas ou planas em pedestal. Ao total, foram feitas 20 reconstituições de formas e reconhecidos 7 tipos de formas cerâmicas (Figura 8). As formas de maior frequência neste conjunto de peças torneadas são os jarros (T1, T2 e T7), que ocorrem apenas nas unidades 8 e 14; as peças para cocção (T3) apenas nas unidades 2 e 4; as tigelas (T4 e T5) ou peças de serviço estão presentes em todas as unidades, enquanto os alguidares (T6) nas unidades 2, 8 e 14.

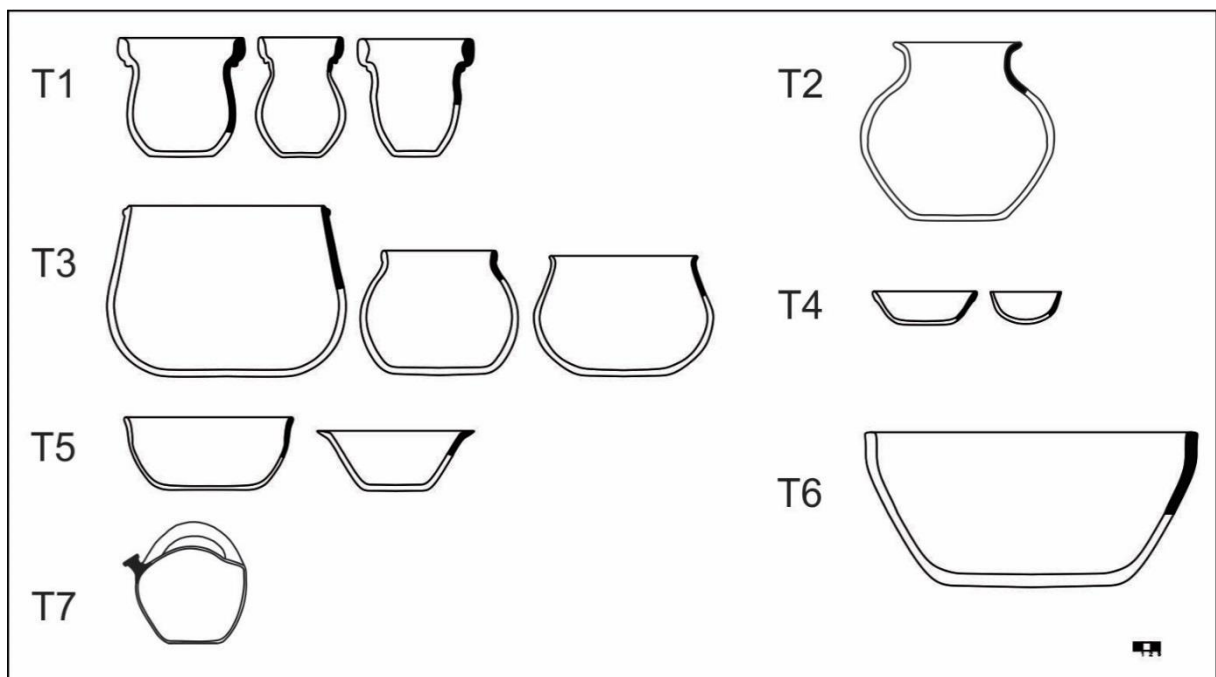


Figura 8: Formas torneadas. (Fonte: Desenhos e digitalização Tiago Muniz)

As funções propostas foram correlacionadas também às capacidades volumétricas das formas. No conjunto 2 as formas representam, em sua maioria, volumes de baixas capacidades (0,1-1,0 l ou 1,1-5,0 l) e raramente ocorrem média e alta capacidade (5,1-10,0 l ou 10,1-20,0 l). O que se percebe é que as formas torneadas que constituem o conjunto 2 estão majoritariamente associadas ao serviço seja de sólidos, sendo essas formas abertas tais como pequenas tigelas de baixa capacidade (T4 e T5), ou de líquidos (T1, T2, T7), nesse caso, fechadas e com gargalo. Menos frequente são aquelas utilizadas para cocção (T3) de média capacidade. A forma T6 (alguidar) foi a única que apresentou grande variabilidade volumétrica para uma

mesma forma identificada, o que reforça a ideia de multifuncionalidade da mesma. Por fim, a forma T7, de acordo com informações históricas e iconográficas de Debret (1835:25), teria sido empregada no serviço de líquidos. Para Wilkie & Farnsworth (2005), estas formas são conhecidas no Caribe como *monkey jar*. O gargalo se encontra fragmentado na inserção da alça do vasilhame, o que possibilitou realizar a reconstituição gráfica desse artefato através da comparação com as formas desenhadas por Debret (1835) e outras formas semelhantes (Wilkie & Farnsworth, 2005).

Assim sendo, é possível apontar no que tange às cerâmicas torneadas a prevalência de atividades associadas ao serviço, fazendo com que esses artefatos tivessem uma função específica nas unidades residenciais e pudessem de fato complementar com relação às cerâmicas acordeladas, que, por sua vez, apresentam usos mais diversificados, ligados especialmente ao preparo de alimentos.

CONTATO, TRANSFORMAÇÃO E ETNOGÊNESE:

A correlação entre grupos étnicos e cultura material, por meio do emprego do conceito de cultura arqueológica e da analogia histórica direta, foi feita de modo sistemático por Gustaf Kossina, na Alemanha dos 1920, ao utilizar certos tipos de artefatos para identificar áreas culturais e, com isso, traçar genealogias de povos indo-europeus historicamente conhecidos. Essa abordagem posteriormente serviu como base para o desenvolvimento da arqueologia nazista e propagação do mito da superioridade do povo ariano (Jones, 1997; Trigger, 2004).

Para Sian Jones (1997), a associação direta entre cultura material e grupo étnico, mesmo após os questionamentos formulados pela arqueologia processual e pós-processual, continua a predominar, apesar dos estudos antropológicos que demonstram não haver coincidência necessária entre as fronteiras culturais, linguísticas e sociais. Segundo a autora, que analisou o processo de romanização, uma análise de etnicidade em arqueologia só pode ser feita por meio da compreensão dos contextos culturais do passado, de fontes históricas e de conhecimentos sobre a organização social dos grupos em questão.

A partir de considerações feitas por autores, tais como Barth (1998), indicando que o conceito de etnicidade está vinculado aos atributos que os próprios grupos étnicos elencam em sua autodefinição, e Jones (1997), que destaca a natureza fluída e polimorfa das identidades étnicas, ou mesmo situacional, conforme Okamura (1981). Assim sendo, é possível perceber que o tema da identidade étnica e cultural em arqueologia é algo complexo que ainda demanda debate. Estudos mais recentes têm se centrado nas críticas das formas pelas quais o conhecimento é usado na construção de identidades.

Em recente síntese sobre o tema e suas implicações na arqueologia brasileira, Lima (2015) reitera que etnicidade não se conjuga com língua, raça, território ou cultura material e, por isso, critica as correlações estabelecidas por arqueólogos no Brasil entre conjuntos cerâmicos, morfologia das aldeias, práticas funerárias e grupos étnicos, a exemplo dos ceramistas Aristé, entendidos como ancestrais dos Palikur, os ceramistas Uru e os Karajá, os Tupiguarani e os Tupinambá etc. A autora admite que o tema é controverso, opondo aqueles que assumem um caráter social dos grupos étnicos, ou situacional, conforme dissemos acima, e aqueles que não aceitam que a cultura seja reduzida a um papel arbitrário a outros que a consideram como uma dimensão ativa e constitutiva da prática social, e os que trabalham ainda com a antiga ideia de que a cultura material seria um reflexo passivo de um conjunto de normas e regras.

No Brasil, durante a vigência do PRONAPA, Dias Jr. (1964) sugere a existência de uma cerâmica cabocla a partir da descrição de determinados atributos tecnológicos, decorativos e formais. Anos depois, Dias Jr. (1971) se refere a essa mesma cerâmica como uma mistura de elementos contendo influências indígenas e portuguesas. Chymz estabelece a tradição neobrasileira para dar conta da cerâmica histórica produzida localmente. Essa foi descrita como um grupo de elementos ou técnicas indígenas e de outras procedências, com decorações tais como corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, contendo asas, alças, bases em pedestais entre outros elementos (Chymz, 1976: 145). Mais tarde, Dias Jr. (1988), discute a natureza dessa categoria, como sendo uma cerâmica de produção local, de cor escura, queima reduzida, com decoração, tratamento de superfície e formas que “indicavam aculturação entre elementos indígenas, europeus e africanos, representando os primeiros traços da sociedade brasileira, especialmente daqueles seus membros que constituíam a população dominada no processo colonial” (Dias Jr., 1988: 11-12).

Jacobus (1996) questionou a produção local da cerâmica neobrasileira apontando a possibilidade de comércio. Morales (2001: 179), por sua vez, indicou que a tradição neobrasileira compacta características tecnológicas, estilísticas e morfológicas, misturando tempo, espaço e contextos culturais distintos. Zanettini (2005: 185) propôs a substituição do termo neobrasileira por cerâmica de produção local/regional, uma vez que a ideia de uma grande tradição não conta com informações que possibilitem uma clara seleção de zonas de produção, redes de distribuição, troca e comercialização. Souza (2008), reconheceu na noção de cerâmica neobrasileira um caráter miscigenado, ignorando a possibilidade de que os indivíduos portadores desses artefatos estivessem envolvidos com as lutas sociais entre brancos, negros e índios, expressando, ao contrário do que sugere o termo, diferenças sociais.

Desse modo, os autores aqui mencionados destacam a necessidade de contextualizar historicamente a produção cerâmica para dar conta do debate em questão, levando em conta as especificidades históricas de cada região. Dias Jr. recentemente reviu seu entendimento de que a produção da cerâmica histórica seria unicamente de produção familiar, afirmando que contextos do século XIX estudados por ele confirmam a presença de olarias (Dias Jr., 2015: *comunicação oral*). Por outro lado, em consonância com Symanski (2009), que observa a ampla influência das ideias de Hodder dentre os arqueólogos históricos brasileiros, novas pesquisas contextuais foram realizadas nos últimos anos abordando diversos temas, o que inclui a construção de identidades.

Dentre esses trabalhos, as pesquisas conduzidas em Palmares por Funari (1999) e associados constataram que a cerâmica da Serra da Barriga estava envolvida em redes de trocas e refletia aspectos ligados à organização social e aos padrões de assentamento, apresentando distintas influências étnicas (indígena, europeia e Palmarina). Fazendo uso de um modelo centrado na etnogênese, Allen (2000) destacou que o povo do quilombo de Palmares, que reunia não só africanos que escaparam da escravidão, mas mulatos, caboclos, índios e brancos pobres, tinha forjado uma nova cultura sincrética, um novo grupo cultural, desafiando os marcadores étnicos histórico-culturalistas. Além disso, para esses pesquisadores, a arqueologia demonstrou que a busca de uma identidade específica de Palmares não se aproximava dos projetos de significação cultural estruturados pelas práticas sociais, uma vez que orientações estruturais são dialéticas.

Souza & Symanski (2009) identificaram grande variabilidade diacrônica na cerâmica produzida localmente na região da Chapada dos Guimarães nos séculos XVIII e XIX, o que pôde ser correlacionado a diferentes populações africanas. De acordo com os autores, esse material expressa a heterogeneidade cultural do ambiente das plantações, que foi gradualmente homogeneizada. Symanski (2010) questionou ainda o

modelo de criouliização empregado na arqueologia afro-americana, segundo o qual os africanos das Américas rapidamente transformaram suas culturas originais através de um processo de trocas culturais entre si mesmos, entre a sociedade euro-americana e os grupos nativos americanos. Para ele, os africanos reproduziram no espaço dos engenhos da Chapada dos Guimarães memórias e representações de sua terra natal. Entretanto, o que poderia ter sido visto como um processo de criouliização se deu num ritmo mais lento, apenas quando a população negra nascida no Brasil superou numericamente a população africana. Desse modo, a decoração plástica dos artefatos cerâmicos foi considerada como expressão de identidades diferenciadas que foram mantidas, observando que a dimensão decorativa da cerâmica perdeu relevância à medida em que o componente afro-brasileiro se tornou dominante (Symanski, 2010:304).

Outro estudo sobre processos de etnogênese foi realizado por Symanski & Zanettini (2010) no vale do Guaporé, na fronteira da Amazônia entre Mato Grosso e Rondônia, relativo à ocupação afro-brasileira que lá se estabelece a partir do século XVIII. Os autores destacam que, a partir do século XIX, o núcleo urbano de Vila Bela e a área rural no seu entorno foram abandonados pela elite luso-brasileira e reapropriados pela população africana e afro-descendente, constituindo um território e uma identidade própria. De acordo com a entendimento dos mesmos, essa pode ser vista como resultante dos encontros diversificados envolvendo a reformulação de identidades dos agentes envolvidos (africanos, indígenas, luso-brasileiros e hispano-americanos), a manutenção de fronteiras étnicas e a intensa miscigenação entre indígenas e africanos, tendo como elemento aglutinador a herança africana.

No norte do Brasil, Symanski & Gomes (2012; 2015) abordaram as trocas culturais ocorridas em Santarém, PA, durante os séculos XVIII e XIX, entre portugueses, luso-brasileiros, negros, indígenas e mestiços, revelando processos de mestiçagem, cujos artefatos evidenciam a existência de hábitos alimentares que reforçam essa visão. Embora predomassem os assados e tostados, as informações históricas indicam grande importância do consumo de alimentos líquidos e pastosos, tais como mingaus, vinhos de açaí e bacaba, caldos e pirões, o que se reflete na cultura material identificada, especialmente nas faianças finas com a predominância de formas côncavas. Parece ter ocorrido nas unidades domésticas analisadas uma convergência de hábitos alimentares de portugueses e indígenas que serviram para entrelaçar universos culturais disparatados. Para os autores o que se sobressai nesse estudo é a possibilidade de reconhecer, através da cultura material, a existência de processos de mestiçagem, que expressam contatos culturais e fusão de identidades. Mais do que um processo histórico capaz de evidenciar populações de origem indígena e africana vitimizadas pelo poder da colonização portuguesa e imposição de novos hábitos e tecnologias, esse estudo mostrou como novas identidades emergiram através de símbolos e práticas.

Por outro lado, Martins (2015) ao analisar a cerâmica doméstica acordelada e torneada do engenho Murutucu, em Belém, PA, ocupado durante os séculos XVIII e XIX, discute a dificuldade em identificar atributos associados aos diferentes grupos étnicos que poderiam ter produzido essa cerâmica, num contexto histórico que utilizava mão de obra indígena e escravos de origem africana. O autor se baseia tanto na ausência de elementos empíricos que inegavelmente refletem tais origens, como nas proposições teóricas que assinalam a possibilidade de os indivíduos realizarem concessões culturais para melhor se adaptarem à realidade ou para manipular a ordem social (Jones, 1997; Orser, 2005). O propósito da pesquisa foi a compreensão dos processos que levaram à produção da cerâmica e conseqüentemente as relações existentes no engenho. Martins reconhece o engenho Murutucu como um local de atrito entre os diferentes grupos que

lá habitaram, o que, de acordo com Barth (1998), constitui o momento ideal, no qual as diferenças étnicas são negociadas pelos agentes, que mantiveram a técnica de manufatura acordelada e o uso do antiplástico vegetal (caraipé). Por esse motivo nega a categoria “neobrasileira”, considerando-a simplificadora das relações sociais e prefere adotar o termo cerâmica local/regional proposto por Zanettini (2005).

Recentemente, Barbara Voss (2015: 655) apontou que muitos arqueólogos que estudam o colonialismo estão criticando as teorias de mudança cultural em favor de modelos interpretativos que ressaltam a persistência cultural e a continuidade, conforme parecem ilustrar as pesquisas acima mencionadas. Segundo a autora, a etnogênese tem sido apresentada como um modelo de consenso e cada vez mais interpretado como uma reconstrução autêntica de identidades comunitárias para promover a persistência e sobrevivência dos grupos, consistindo em processos criativos. Voss parte das proposições de Barth, argumentando que todas as sociedades são politétnicas, todos os grupos étnicos são internamente heterogêneos e que os grupos étnicos se desenvolvem não isoladamente, mas através de intensa interação. A fim de abordar a etnogênese, é necessário mostrar não só que as práticas de identidade étnica têm se alterado ao longo do tempo, mas também que estas alterações são transformadoras. Assim, determinados processos devem ser levados em conta, tais como as transformações de identidade através de novas relações entre uma população e uma instituição recém dominante, como muitas vezes ocorre nas fronteiras coloniais; migrações e deslocamentos através dos quais as identidades de base local perdem relevância e são suplantadas por novas identidades étnicas; e o desenvolvimento de uma nova identidade étnica para legitimar ou manter o acesso desigual ao poder ou recursos em contextos mercantis do mundo colonial.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS:

Para Dias Jr. (1988), a cerâmica neobrasileira possui um caráter híbrido, evidenciado pelas características tipológicas dos artefatos. Contudo, os processos históricos específicos que deram origem a tais artefatos não foram explorados, recaindo numa explicação única para contextos diversos. A cerâmica classificada como neobrasileira foi vista como fruto de um período de contato colonial, no qual as influências étnicas estariam sucumbindo à aculturação. Entretanto, a mudança de olhar da cultura material sob o viés contextual pode possibilitar reconhecer com clareza diferentes processos que envolvem a existência de uma cerâmica com influências culturais mescladas.

No caso estudado em Santarém as fontes históricas indicam a existência de uma população nos séculos XVIII e XIX composta majoritariamente por elementos indígenas, além de mestiços, europeus e, em menor número, por negros escravizados. No estudo da cultura material, especialmente da cerâmica doméstica que constitui um item de baixa visibilidade, uma vez que não são artefatos altamente decorados, essa apresenta elementos que podem ser culturalmente associados às tradições indígenas (ex. técnicas de confecção acordelada e modelada, uso do caraipé, do cauixi, presença expressiva de bordas extrovertidas e lábios planos, formas de contorno composto) bem como elementos de origem europeia (uso do torno; formas a exemplo dos alguidares, jarros e bilhas) e alguns elementos decorativos que remetem à presença negra (cosmograma Bakongo e impressão de contas).

A influência europeia faz-se reconhecer não somente nas peças torneadas, mas, também, pelos apêndices, asas e alças, presentes também no conjunto acordelado e finalmente na decoração composta pelo filete aplicado e digitado identificada em diversas formas em todas as unidades de escavação. De modo geral,

pode-se reconhecer no material analisado características associadas a uma matriz cultural indígena e também portuguesa em todas as unidades. Entretanto, as variações nos atributos cerâmicos apontam para maior semelhança entre as unidades 1, 2 e 4 de um lado, e de outro as unidades 8 e 14. É justamente nas unidades 8 e 14, associadas a residências de maior poder aquisitivo, que ocorrem as referências a elementos de influências africanas, sendo que tal fato não pode ser desconsiderado, tendo em vista ainda a presença de faianças de baixo valor econômico e decoração colorida, composta por faixas e frisos que agradam populações de origem africana; a presença de africanos retratada por viajantes que passaram por Santarém (Champney, 1860) e a decoração do artefato com o cosmograma Bakongo. É também nas unidades 8 e 14 que ocorrem as peças com maior capacidade volumétrica para armazenamento/transferência de líquidos, sugerindo maior intensificação de ocupação e de trabalho. Contudo, cabe ressaltar, que em todas as unidades o componente de influência indígena é majoritário.

A reflexão de Santos-Granero (2011:343-44) sobre a de conquista de coletividades inteiras que foram subjugadas no contexto ameríndio permite compreender com maior clareza os resultados das análises cerâmicas. O autor destaca que, diferente de escravos cativos, que no espaço de algumas gerações são assimilados, as populações nativas conquistadas passam por um processo mais longo de transfiguração étnica, a qual consiste não na completa assimilação, mas na emergência de uma nova identidade híbrida que abarca elementos de novas tradições, tanto de conquistados como de conquistadores. O que ocorre é a emulação seletiva, de modo que isso não implica numa renúncia completa da própria tradição.

CONCLUSÃO

O estudo da cerâmica histórica proveniente de Santarém evidenciou peças utilitárias que foram produzidas num contexto colonial, sendo as influências estilísticas indígenas e europeias mescladas. Em menor intensidade revelou-se a presença de elementos africanos na confecção deste material. Assim, a cerâmica pode ser interpretada como um veículo de expressão de identidades e, ao mesmo tempo, de persistência, resistência, negociação e conseqüentemente de transformação cultural. De tal forma, a cerâmica associada ao período que se estende do último quartel do século XVIII até o terceiro quartel do século XIX demonstra a manutenção de determinados elementos, incorporação de outros e o desaparecimento de determinadas influências culturais ao longo do tempo, representadas no modo de fazer e decorar os vasilhames cerâmicos.

Neste artigo apontamos a complexidade dos estudos sobre etnicidade em arqueologia, que não permitem estabelecer uma correspondência simples entre cultura material, língua e etnicidade, tendo em vista as contribuições no campo da antropologia (Barth, 1998; Okamura, 1981) e da teoria arqueológica (Jones, 1997; Lima, 2015). Reconhecemos, no entanto, que os proponentes do conceito de “cerâmica neobrasileira” (Chymz, 1976; Dias Jr., 1988) embora se restringissem à dimensão tipológica da cerâmica e explicassem seu aparecimento a partir de processos de aculturação, adotando com isso a perspectiva dos grupos dominantes, identificaram intuitivamente a natureza híbrida do fenômeno, sem explorar a variabilidade histórica dos diferentes contextos. Essa tarefa tem sido realizada no Brasil, desde os anos 1990, por arqueólogos históricos que se empenharam no desenvolvimento de pesquisas contextuais, alguns deles especialmente interessados em questões envolvendo a construção de identidades (Allen, 2000; Funari, 1999;

Martins, 2015; Souza, 2008; Symanski, 2010; Symanski & Gomes, 2012; 2015; Symanski & Zanettini, 2010). Por fim, destacamos a importância da adoção do modelo de etnogêse (Santos-Granero, 2011; Voss, 2015), para explicar o surgimento e a materialização de identidades híbridas no contexto colonial amazônico, anteriormente demonstrados em Santarém (Symanski & Gomes, 2012; 2015), cujas evidências da cerâmica de uso doméstico aqui discutidas ampliaram essa mesma discussão.

AGRADECIMENTOS

À instituição de fomento, CAPES, que concedeu ao primeiro autor uma bolsa de mestrado. Aos membros da banca avaliadora da dissertação de mestrado que deu origem a esse artigo, Marcos André Torres de Souza e Gláucia Sene, pelas contribuições. A Angislaine Freitas Costa pela elaboração dos gráficos e digitalização de imagens. Aos moradores dos bairros do Centro e Aldeia, na cidade de Santarém, PA, que permitiram à Denise Gomes escavar seus quintais. Agradecemos, ainda, aos dois pareceristas anônimos pelas valiosas sugestões.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, S. 2000. Constructing Palmarino Identity: Preliminary Directions in the Historical Archaeology of Palmares. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, vol. 3: 39-53, Campinas.
- BARTH, F. 1998. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: Poutignat, P. & Streiff-Fenart, J. (Org.), *Teorias da Etnicidade*. Unesp, São Paulo, Pp. 185-227.
- BATES, H. W. [1868] 1944. *O naturalista no Rio das Amazonas*. Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- CHAMPNEY, J. W. 1860. *Travels in the North of Brazil*. Acervo Digital da Biblioteca Nacional. <<http://www.bndigital.bn.gov.br//acervo-digital>> Acesso em: agosto de 2015.
- CHYMZ, I. 1976. Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica, 2ª ed. *Cadernos de Arqueologia*. Museu de Arqueologia e Antropologia de Panaguá.
- COSTA, D. M. 2016. Arqueologia dos africanos escravos e livres na Amazônia. *Vestígios*, vol. 10: 69-91.
- DANIEL, J. 1976. *Tesouro descoberto no Rio Amazonas*. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
- DEBRET, J. B. 1835. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Tome deuxième. Acervo Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://www.bndigital.bn.gov.br//acervo-digital/>> Acesso em: maio de 2017.
- DIAS JR., O. F. 1964. Cerâmica Cabocla do Vale do Elefante. *Boletim do IAB*, vol. 3: 7-11, Rio de Janeiro.
- _____. 1971. A fase Parati: apontamentos sobre uma fase cerâmica neobrasileira. *Universitas*, vol. 8: 117-133, Salvador.
- _____. 1988. A cerâmica Neo-Brasileira. *Arqueo-IAB*, vol. 1:3-13, Rio de Janeiro.
- FONSECA, W. D. 2007. Santarém: momentos históricos. ICBS – Instituto Cultural Boanerges Sena/Prefeitura Municipal de Santarém, 5ª. Ed, Santarém.
- FUNARI, P. P. 1999. Etnicidad, Identidad y Cultura Material: un estudio del Cimarrón, Palmares, Brasil, Siglo XVII. In ZARANKIN, A. & ACUTO, F. A. (eds.), *Sed non saciata: Teoria em la Arqueologia Latinoamericana Contemporánea*. Ediciones del Tridente, Pp. 77-96, Buenos Aires.
- GOMES, D. M. C. 2002. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica do MAE-USP*. Edusp/Fapesp /Imprensa Oficial, São Paulo.
- _____. 2008. *Cotidiano e Poder na Amazônia Pré-colonial*. EDUSP/FAPESP, São Paulo.
- _____. 2017. Politics and Ritual in Large Villages in Santarém, Lower Amazon, Brazil. *Cambridge Archaeological Journal*, vol. 27: 275-293, Cambridge. doi: 10.1017/S0959774316000627.
- GUAPINDAIA, V. L. C. 1993. *Fontes Históricas e Arqueológicas sobre os Tapajó de Santarém: a coleção "Frederico Barata" do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- HILL, J. 2015. [1998]. Violent Encounters: Ethnogenesis and Etnocide in Long Term Contact Situations. In CUSICK, J. G. (Ed.), *Studies in Cultural Contact – Interaction, Culture Change, and Archaeology*. Center for Archaeological Investigations, South Illinois University Press, Pp. 146-171, Carbondale.
- JACOBUS, A. 1996. Louças e Cerâmicas no Sul do Brasil no século XVIII: o registro de Viamão como Estudo de Caso. *Revista do CEPA*, vol. 20: 7-58, Curitiba.
- JONES, S. 1997. *The Archaeology of Ethnicity: Constructing identities in past and present*. Routledge, London.
- LIMA, T. A. 2015. Etnicidade no registro arqueológico: o risco da violência interpretativa. In: Lima, T. A. (Org.), *Identidades étnicas em Arqueologia: possibilidades e limites*. Editora da UFRJ, Pp. 102-112, Rio de Janeiro.

- MARQUES, F. L.T. 2004. *Modelo da agroindústria canavieira colonial no estuário amazônico: estudo arqueológico de engenhos dos séculos XVIII e XIX*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MARTINS, I. F. O. 2015. *Arqueologia e etnicidade na amazônia oriental: o caso do engenho Murutucu em Belém do Pará*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém.
- MEGGERS, B. J. & EVANS, Clifford. 1970. *Como interpretar a linguagem da cerâmica: manual para arqueólogos*. Smithsonian Institution, Washington.
- MILLER, G. L. 1980. *Classification and economic scaling of 19th century ceramics*. *Historical Archaeology*, Pp. 1-40.
- MORALES, W. F. 2001. A Cerâmica Neo-brasileira em Terras Paulistas: Um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá. *Revista do MAE*, vol. 11:165-187, São Paulo.
- MOREIRA NETO, C. A. 1988. *Índios da Amazônia. De maioria a minoria. 1750-1850*. Vozes, Petrópolis.
- ORSER, C. E. 2005. O desafio da raça para Arqueologia Histórica. In FUNARI, P. P. & SCHIAVETTO, S. N. (Org.), *Identidades, discurso e poder: Estudos da arqueologia contemporânea*. Annablume, Pp. 59-75, São Paulo.
- OKAMURA, J. V. 1981. Situational Ethnicity. *Ethnic and Racial Studies*, vol. 4: 452-465, Abingdon.
- QUINN, E. 2004. *Excavating "Tapajó" Ceramics at Santarém: Their age and Archaeological Context*. Tese de Doutorado, University of Illinois at Chicago, Chicago.
- RICE, P.M. 1987. *Pottery Analysis: A Sourcebook*. The University of Chicago Press, Chicago.
- ROOSEVELT, A. C. 1991. Determinismo Ecológico na Interpretação do Desenvolvimento Social Indígena da Amazônia. In NEVES, W. (Ed.) *Adaptações e diversidade do homem nativo da Amazônia*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Pp. 103-142, Belém.
- _____. 1992. *Arqueologia Amazônica*. In CUNHA, M. C. da (Ed.), *História dos Índios do Brasil*. Companhia das Letras, Pp. 53-86, São Paulo.
- RYE, O.S. 1981. *Pottery Technology*. Taraxacum, Washington.
- SANTOS, M. C. M. M. 2003. Material de Cerâmica. Caldarelli, S. (Org.), *Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista: SP-070 Rodovia Carvalho Pinto*. São Paulo: Dersa.
- SANTOS-GRANERO, F. 2011. Captive Identities or the Genesis of Subordinate Quasi-Ethnic Collectivities. In: Hornborg, A. & Jonathan D. Hill (eds.), *Ethnicity in Ancient Amazonia: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistics and Ethnohistory*. University Press of Colorado, Boulder.
- SCHAAN, D. P. 2016. Discussing Centre-Periphery Relations within the Tapajó Domain, Lower Amazon. In: P. Stenborg (Ed.), *Beyond Waters: Archaeology and Environmental History of the Amazonian Inland*, (Gotarc Series A Gothenburg Archaeological Studies 6), Pp. 23-36, Gothenburg.
- SHEPARD, A. 1956. *Ceramics for the Archaeologist*, Washington DC; Carnegie Institution of Washington, 12^a ed.
- SINOPOLI, C. M. 1999. Levels of complexity: Ceramic variability at Vijayanagara. In Skibo, J. & G. Feinman (Ed.), *Pottery and People*. The University of Utah Press, Pp. 115-136, Salt Lake City.
- SOUTH, S. 1971. *Evolution and horizon as revealed in ceramic analysis in historical archaeology*. University of South Carolina Institute of Archaeology and Anthropology, South Carolina.
- SOUZA, M. A. T. de. 2008. Essencializando la Ceramica: Culturas Nacionales y Praticas Arqueologicas en America. In Acuto, F. A. & Zarankin, A. (Org.), *Sed Non Satiata II: Acercamientos Sociales en la Arqueología Latinoamericana*. Encuentro Grupo Editor/Editorial Brujas, Pp. 143-157, Cordoba.
- SOUZA, M. A. T. & SYMANSKI, L. C. P. 2009. Slave Communities and Pottery Variability in Western Brazil: the plantations of Chapada dos Guimarães. *International Journal of Historical Archaeology*, vol.13: 513-548.

- SPIX, J. B. von & MARTIUS, K. P. von. [1823] 1981. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Editora Itatiaia, EDUSP, Belo Horizonte, São Paulo.
- SYMANSKI, L. C. P. 2009. Arqueologia Histórica No Brasil: Uma Revisão Dos Últimos Vinte Anos. Morales, W. F. & Moi, F. P. (Orgs.), *Cenários Regionais de uma Arqueologia Plural*. Editora Annablume/Acervo, São Paulo.
- _____. 2010. Cerâmicas, identidades escravas e criolização nos engenhos de Chapada do Guimarães. *História Unisinos*, vol. 14: 295-312, São Leopoldo.
- SYMANSKI, L. C. P. & GOMES, D. M. C. 2012. Mundos mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia, Santarém, PA. *Anais do Museu Paulista*, vol. 20: 53-90, São Paulo.
- _____. 2015. Material Culture, Mestizaje, and Social Segmentation in Santarém, Northern Brazil. In FUNARI, P. P. & SENATORE, M. X. (Eds.), *Archaeology of Culture Contact and Colonialism in Spanish and Portuguese America*. Springer International Publishing, Pp. 199-217, New York.
- SYMANSKI, L. C. P & ZANETTINI, P. 2010. Encontros Culturais e Etnogênese: O Caso das Comunidades Afro-Brasileiras do Vale do Guaporé. *Vestígios*, vol. 4: 91-123.
- THE TRANS-ATLANTIC SLAVE TRADE DATABASE. 2013. Disponível em: <<http://www.slavevoyages.org>>
Acesso em: novembro de 2015.
- TRIGGER, B. 2004. *História do Pensamento Arqueológico*. Odysseus, São Paulo.
- VOSS, B. L. 2015. What's New? Rethinking Ethnogenesis in the Archaeology of Colonialism. *American Antiquity*, vol. 80: 655-670, Cambridge.
- WILKIE, L. A. & FARNSWORTH, P. 2005. Sampling Many Pots: an archaeology of memory and tradition at a Bahamian plantation. University Press of Florida, Gainesville.
- ZANETTINI, P. 2005. *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.